

Viagem de Lula à China: Análise do discurso e imparcialidade jornalística na cobertura midiática¹

Amanda Santos de OLIVEIRA²
Giovanna Anyelen Lobato MARTINI³
Isabella Pinto SIMPLICIO⁴
Regina Lúcia Alves de LIMA⁵
Universidade Federal do Pará, Pará, UFPA

Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar e discutir as marcas de imparcialidade no discurso jornalístico de três portais noticiosos: Valor Investe – extensão do jornal O Globo – Veja, e G1. O objeto analisado é a repercussão do discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em recente visita à China, que causou grande movimentação na mídia tradicional brasileira devido a falas em relação ao dólar americano. Com o suporte dos estudos teóricos da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso (ACD), a pesquisa acredita que os veículos jornalísticos selecionados se apresentam em oposição aos movimentos do atual governo, e, por isso, põem-nos em descrédito. Com base na análise de três matérias, o estudo percebeu a convergência de pontos de vista entre os portais de notícias selecionados.

Palavras-chave: discurso; jornalismo; política; mídia; comunicação.

Introdução

Ao reconhecer o jornalismo como instituição historicamente fundada, que não apenas constitui a realidade, mas é também constituído por ela (PONTES, SILVA, 2009), torna-se imprescindível reconhecer a existência de atores e contextos sociais que engendram essa instituição. A combinação de contextos, saberes e narrativas afasta o jornalismo da neutralidade, e incide sobre a forma como eventos, discussões, campos de saberes, e tantas outras áreas são (e podem ser) encaradas (ARAÚJO, 2013).

Diante dessa discussão, o presente trabalho parte da premissa de que a mídia brasileira mantém uma postura contrária ao governo de Lula, e posiciona-se negativamente diante da atuação política do presidente. A partir da análise do discurso jornalístico presente

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, e-mail: amsantosd@gmail.com.

³ Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, e-mail: giovanna.martini@ilc.ufpa.br.

⁴ Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, e-mail: isabellasimplicio5@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho, professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da FACOM-UFPA, email: reginalima@ufpa.br.

em matérias sobre as falas do atual presidente do país, Luiz Inácio Lula da Silva, durante uma visita à China, o presente artigo busca expor a narrativa escolhida pela mídia para retratar o desempenho do atual governo. O discurso de Lula, como será melhor apresentado no decorrer do artigo, questiona o domínio estadunidense em diferentes esferas políticas, nesse caso, especificamente, nas relações político-econômicas que envolvem o BRICS⁶.

Para analisar a recepção midiática e as diversas construções discursivas da declaração de Lula sobre as interferências estadunidenses no BRICS, utiliza-se a análise do discurso como metodologia, já que "o discurso é o local onde se pode verificar a relação entre a língua e a ideologia, além de verificar como os efeitos de sentidos são gerados através dos enunciados" (SILVA, ARAÚJO, 2017, p. 18). Num primeiro momento, o artigo contextualiza questões norteadoras do fazer jornalístico, além de expor as relações entre o campo da política e o campo midiático. Num segundo momento, o artigo analisa três portais de notícias (G1, Veja e Valor Investe), a fim de comprovar que, mesmo que de forma camuflada, a mídia revela o próprio posicionamento em notícias.

Com as análises de três portais midiáticos sobre a fala de Lula na China, o artigo objetiva fomentar discussões que encarem o jornalismo como uma área que, assim como diversas outras, dialoga com outros campos, possui interesses próprios e é integrada por indivíduos que também estão inseridos em categoriais sociais e contextos subjetivos. Mesmo sabendo que o jornalismo não é imune ao impessoal, também é importante que as notícias sejam repassadas ao coletivo com responsabilidade e compromisso.

Pessoalidade e impessoalidade no jornalismo: o disfarce da ideologia

O princípio da imparcialidade é uma prerrogativa que sustenta a linguagem jornalística e respalda a abordagem discursiva sobre os eventos. O molde jornalístico norte-americano constrói-se com base na produção de relatos a partir da captura fiel de fatos (GUERRA, 1999). Isso pressupõe um conteúdo objetivo, impessoal, isento de qualquer viés político e ideológico – porém, essa proposição é motivo de debate entre os estudos comunicacionais. Enquanto alguns estudiosos acreditam que é possível um discurso ser impessoal, muitos afirmam que nenhuma manifestação linguística pode se dissociar do plano de fundo social, histórico e cultural carregados pelo emissor (FLUSSER, 2012).

⁶ Termo utilizado para designar países com economias emergentes. É formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Charaudeau (2006) afirma em pesquisas que o campo midiático deforma o mundo à sua maneira, atribuindo a ele estereótipos e simplificações a fim de receber credibilidade. A sentença é, por si só, uma representação direta ou indireta de um “acordo ou desacordo com alguma coisa” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006) e a palavra assume o papel de signo ideológico, e, a mídia, de agente interventor nos processos sociais e históricos (LOPEZ/DITTRICH, 2005).

Para Bakhtin e Voloshinov (2006), cada discurso pertence a um período histórico e social, ou seja, uma realidade. A linguagem é um fenômeno de sentidos, que são compostos individualmente:

“Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. (...) A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p-17-18).

Ainda assim, o jornalismo promove a impessoalidade como referência e padrão discursivo. Com base em investigações sobre o comportamento midiático, Souza (2021) tece críticas às práticas jornalísticas, comparando o processo produtivo de uma matéria com os processos produtivos comerciais. Nesse sentido, o jornalismo é um *produto* que vende algo: a ideologia hegemônica estadunidense. Isso acontece por um fator em destaque: o jornalismo, como concebido atualmente, foi sistematizado nos moldes capitalistas de produção, logo, ele legitima no seu discurso a defesa da própria origem.

Entende-se que a mídia criou dispositivos linguísticos que interferem no texto jornalístico – que não apenas possui o viés político individual de quem o compôs, como também o viés político propulsionado pela grande mídia enquanto a entidade maior que o veicula. Nessa perspectiva, o artigo propõe que a cobertura midiática acerca da fala de Lula na China foi repercutida negativamente devido ao embate ideológico contra a supremacia estadunidense.

Jornalismo e política: transversalidade, influências e atritos

Assim como o campo da comunicação é passível ao diálogo e encontro com diferentes esferas sociais, sendo a delimitação do objeto de estudo uma grande questão

entre os pesquisadores da área (SODRÉ, 2015), o jornalismo, inserido no leque de possibilidades do fazer comunicacional, também apresenta essa transversalidade. O fazer jornalístico envolve campos sociais, econômicos e políticos; esse envolvimento diz respeito não só à produção de matérias e reportagens que, eventualmente, levarão marcas subjetivas de quem as produziu, mas também interfere na colaboração entre os campos e na receptividade do coletivo social. Apesar da enorme interatividade do jornalismo, no caso do presente artigo, o que se destaca é a relação existente com o campo da política.

Os campos da política e do jornalismo, ainda que dialoguem em alguns pontos, possuem diferentes bases de legitimação. À medida que representações políticas legitimam suas ações a partir das causas que apoiam e do próprio voto como sufrágio universal, os jornalistas adquirem a legitimidade com o suporte dos códigos e valores que circundam a profissão (SERRANO, 2006). Neutralidade e Imparcialidade são alguns dos princípios éticos norteadores que validam a atuação do jornalismo.

A questão é que, por dispor da legitimidade conferida por grande parte da sociedade (mesmo que eventualmente existam momentos de questionamento e ataque aos profissionais atuantes)⁷, o jornalismo também dispõe de um poder significativo sobre a agenda pública e, quiçá, sobre o andamento das atividades políticas, bem como a receptividade da população aos inúmeros processos emergidos no setor político – sejam os resultados eleitorais, seja a distorção da imagem de algum candidato, seja a aprovação ou reprovação de projetos legislativos, dentre tantas outras possibilidades. A mídia, portanto, tem um papel fundamental nas produções de sentido e significado para os indivíduos, em que cenários são constantemente construídos e delimitados (FREITAS, 2000).

No Brasil, percebe-se uma influência significativa da mídia, seja na televisão, rádio, jornal e, no caso do presente artigo, nos portais *online*, na formação de opiniões e na definição de discussões no coletivo social que são, diversas vezes, regidos por outros interesses, que não o de repassar a informação com as premissas do pluralismo e da imparcialidade (FREITAS, 2000). É importante ressaltar que é inimaginável tratar o fazer jornalístico como um ato desvinculado do jornalista, afinal, a forma da escrita, as palavras

⁷ Governos autoritários são exemplos significativos de momentos em que a credibilidade do jornalismo é questionada. O Brasil encarou situações dessa categoria durante os quatro anos de governo de Jair Messias Bolsonaro. Ver mais em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/15/jornalistas-denunciam-aumento-de-ataques-a-imprensa-durante-governo-bolsonaro>.

utilizadas, a própria estrutura do texto dialoga com as vivências de quem o faz. Mas, o que se verifica é uma certa distorção do funcionamento do campo político.

Um dos motivos que explicaria a intervenção do jornalismo no campo político (no quesito de definição de agenda e de como esse setor é representado) é a concentração de propriedades, e conseqüentemente, de opiniões no meio midiático. Assis de Chateaubriand, por exemplo, dono do conglomerado Diários e Emissoras Associados (ou simplesmente Diários Associados), durante a vida, foi dono de aproximadamente quarenta jornais e revistas, vinte estações de rádio, dez emissoras de televisão, além de uma agência de notícias e uma agência de publicidade. Aliás, Chateaubriand também era envolvido no meio político, e dentre tantas interferências, foi importante no processo de ascensão e queda de Getúlio Vargas por intermédio dos veículos de comunicação que gerenciava (DIAS, 2008).

Chateaubriand foi apenas um dos inúmeros empresários com tamanha intervenção nos meios midiáticos, no campo político e, conseqüentemente, na agenda pública nacional. Existem outros exemplos. Senadores e deputados costumam ser donos de veículos midiáticos, e se não são donos, participam direta ou indiretamente do capital de alguma empresa de comunicação. Ou seja, todos esses fatores configuram a mídia brasileira em um ambiente de baixo poder informativo e alto poder opinativo, em que o interesse público se confunde com os interesses pessoais (FREITAS, 2000). É diante de todo esse parâmetro que o presente artigo propõe analisar o discurso midiático, partindo do pressuposto de que a mídia se posiciona negativamente sobre o governo de Lula.

A fala de Lula

Nos primeiros três meses de mandato, Lula cumpriu uma agenda de viagens diplomáticas pelo mundo, que incluiu um encontro com o Presidente da China, Xi Jinping, para discutir as relações políticas e econômicas entre os países. Durante a posse de Dilma Rousseff como presidente no banco do BRICS, o presidente brasileiro teceu críticas sobre a hegemonia econômica dos Estados Unidos e defendeu a criação de uma moeda alternativa para o comércio entre países do BRICS, bloco econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

"Por que um banco como o Brics não pode ter uma moeda que pode financiar a relação comercial entre Brasil e China, entre Brasil e outros países do Brics? É difícil porque tem gente mal-acostumada porque todo

mundo depende de uma única moeda. Eu acho que o século 21 pode mexer com a nossa cabeça e pode nos ajudar, quem sabe, a fazer as coisas diferentes (...) quem decidiu que era o dólar a moeda depois que desapareceu o ouro como paridade? Por que não foi yene? Por que não foi o Real? Por que não foi o peso? Porque as nossas moedas eram fracas, as nossas moedas não têm valor em outros países. Então, se escolheu uma moeda sem levar em conta a necessidade que nós precisamos ter uma moeda que transforme os países em uma situação um pouco mais tranquila." (LULA, durante a posse de Dilma como presidente do Banco do BRICS em Xangai, 2023)

As afirmações de Lula a respeito da dependência global ao dólar, apesar de pertinentes, causaram certa movimentação nos veículos de mídia mais tradicionais. Defender a criação de uma moeda única para comércio em um bloco de países emergentes desafia a soberania dos Estados Unidos e, conseqüentemente, alguns sustentáculos da ideologia neoliberal.

É importante entender que a ideologia neoliberal não permite críticas a si, pois é constituída de lacunas em suas estruturas, e se preenchidas, deixam de fazer sentido e se autodestroem (CHAUÍ, 1980). No contexto da fala de Lula, isso significa dizer que a dependência global ao dólar não possui uma justificativa que valide sua existência e, portanto, confrontá-la implica completar as lacunas, desestabilizando a ideologia e o seu sentido de existência.

A mídia cumpre um papel importante na manutenção da ideologia. O jornalismo, por se tratar de um meio de comunicação massiva e por fazer uso de dispositivos linguísticos que simulam a imparcialidade, exerce força capaz de influenciar a subjetividade de quem consome (SOUZA, 2021). Quando Lula questiona a força política e econômica dos Estados Unidos, a mídia assume um posicionamento contrário, a fim de proteger a hegemonia capitalista e preservar sua instituição.

Discurso midiático: análises e apontamentos

Para Michel Pêcheux, a linguagem é um sistema passível de ambigüidade, e a discursividade é a inserção dos efeitos materiais da língua na história (ORLANDI, 2005). Nesse sentido, opiniões e ideologias, expressas pela linguagem, marcam e constituem o discurso – no caso do presente artigo, o discurso jornalístico. A ambigüidade em Pêcheux

pode ser relacionada ao mito da parcialidade jornalística, fato que é desconhecido pela maioria dos consumidores de jornais e outros produtos noticiosos.

Se todo discurso funciona segundo regras que são próprias à sua fronteira discursiva (LIMA, 2010), o objetivo desta análise é identificar as “regras” seguidas pelas mídias selecionadas, a fim de mostrar a imparcialidade sutilmente presente em matérias ditas neutras. Uma das formas utilizadas para identificar as marcas da não neutralidade é a comparação entre as coberturas noticiosas dos mesmos veículos no período do Governo Bolsonaro, anterior a Lula, destacando expressões significativas para os discursos relacionados a diferentes governantes.

O trabalho acredita que existem interesses e conflitos em constante dinamicidade na esfera jornalística, e, evidentemente, os embates, inclinações e acordos são manifestados na sutileza das falas midiáticas – que interferem na agenda nacional e nos caminhos políticos, sociais e econômicos. A partir disso, são analisadas seis matérias que noticiam a viagem de Lula, publicadas nos portais Valor Investe, Veja e G1, a fim de abstrair as marcas ideológicas em cada discurso.

O portal Valor Investe - O site de investimentos do Valor Econômico, é um produto de acesso gratuito do jornal O Globo, voltado para a cobertura da economia brasileira e internacional. No site, o leitor tem acesso a matérias sobre imposto de renda, bolsa de valores, reforma tributária, renda, ferramentas de investimentos e outros assuntos semelhantes.

Figura 1: Valor Investe

Na China, Lula discursa contra o dólar e manda recados aos EUA

Presidente falou de dois pontos caros aos chineses e não entrou em rota de colisão com a China

Fonte: Captura de tela

Na matéria intitulada “Na China, Lula discursa contra o dólar e manda recado aos EUA” (Figura 1)⁸, veiculada no portal Valor Investe, o título chama atenção pelo teor acusatório atribuído às falas de Luiz Inácio Lula da Silva em visita à China. Ao fazer uso de

⁸ Disponível em:

<https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2023/04/13/na-china-lula-discursa-contr-o-dolar-e-manda-recados-aos-eua.ghtml>.

“discursa contra”, o site não explica o contexto da fala, abrindo espaço para dúvidas se Lula é contra o dólar em um uso geral ou dentro de uma situação específica.

Já em “manda recado aos EUA”, a construção chega a infantilizar o discurso, como se o presidente estivesse buscando intrigas com o país norte americano. O *lead*⁹ apresenta a frase “não entrou em rota de colisão com a China”, o que sugere que Lula está se aliando ao país asiático e se afastando dos EUA – e que isso pode ser negativo para o Brasil, como é reforçado ao longo da matéria.

Figura 2: Valor Investe

O primeiro dia da viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China foi marcado por críticas veladas aos Estados Unidos. Em Xangai, o brasileiro discursou contra o uso do dólar como moeda global e visitou a Huawei, empresa considerada inimiga pelos americanos e acusada por Washington de permitir espionagem chinesa em seus aparelhos e sistemas de telecomunicações.

Fonte: Captura de tela

No primeiro parágrafo da matéria (Figura 2), observa-se o desalinhamento da imagem de Lula aos Estados Unidos, representando o presidente brasileiro como possível aliado da China. Isso fica explícito nas frases “críticas veladas aos Estados Unidos”, “discursou contra o dólar” e “empresa considerada inimiga pelos americanos”. Além disso, o veículo corrobora com uma visão negativa da China, ao citar que Washington acusou a empresa chinesa Huawei de espionagem nas telecomunicações norte-americanas, sem citar possíveis provas ou contestações da alegação.

Figura 3: Valor Investe

Assim, a viagem ao maior parceiro comercial do Brasil foi até o momento como música de Lula a Pequim: o presidente falou de dois pontos caros aos chineses e não entrou em rota de colisão com a China. Lula evitou até agora temas como democracia, direitos humanos, a tensão global ou o mais delicado dos assuntos para a China, a situação de Taiwan.

Fonte: Captura de tela

O segundo parágrafo da matéria (Figura 3) reforça o tom de alinhamento do presidente brasileiro com o país asiático, com ênfase na escolha de Lula em “não entrar em rota de colisão com a China”. O Valor Investe aposta em evidenciar o contraste das ações e das possíveis intenções por trás da visita do presidente brasileiro ao território chinês, ao

⁹ Abertura da matéria, logo após o título. Geralmente apresenta duas ou três frases.

invés de citar diretamente as falas do discurso de Lula ou apontar benefícios que a parceria pode trazer para o Brasil.

Figura 4: Valor Investe

Agora, em Xangai, Lula mostrou um alinhamento maior a Pequim, o que pode gerar ainda mais descontentamento dos americanos. Vale lembrar que os EUA já haviam criticado duramente o governo Lula por permitir que dois navios de guerra iranianos atracassem no Rio no fim de fevereiro.

Deve gerar particular desconforto em Washington a incisão do presidente ao defender o adeus à dolarização nas trocas comerciais entre os países-membros dos Brics — grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Fonte: Captura de tela

Nos quarto e quinto parágrafos (Figura 4), que finalizam a matéria, o portal enfatiza a posição de rivalidade entre Brasil e Estados Unidos, apontando o descontentamento do país norte americano com as decisões do presidente Lula e do governo brasileiro. É nítido, em todo o corpo textual, que o site Valor Investe põe em xeque a aliança Brasil x China, e alerta para a “fúria” dos Estados Unidos em relação aos próximos passos diplomáticos do país sul-americano. No fim da matéria, o site redireciona o leitor a uma reportagem completa e paga, no portal Valor Econômico. Nele, os detalhes da visita de Lula, as implicações do discurso na China e os possíveis desdobramentos sobre a relação com os Estados Unidos são mais explorados – porém, o leitor comum é impossibilitado de acessar o conteúdo gratuitamente.

Mesmo com a menção do que foi dito por Lula, o site não traz trechos do discurso proferido na China, contentando-se a interpretar a fala do presidente. O portal faz uso da impessoalidade e da descrição dos fatos como meio de afastar-se do acontecimento e reiterar o papel informativo da notícia; porém, escolhas como a ausência de aspas ou de uma mera citação indireta do que foi dito abrem espaços para reflexões acerca do que é prioritário para este veículo.

O saber discursivo é inculcado no inconsciente humano pelos efeitos da ideologia (PÊCHEUX, 1983), o que dificulta a percepção de marcas político-ideológicas em discursos linguísticos, como no caso do jornalismo. Ainda que não se conheça as intenções que dão base à matéria do portal Valor Investe, a análise dos componentes textuais e das

afirmações feitas no texto revelam um veículo que, possivelmente, desaprova as atitudes do atual governo, representado pelo presidente Lula. Por ser um site voltado especificamente para a economia, alinhar-se aos interesses de um dos maiores centros econômicos e capitalistas do mundo – os Estados Unidos – pode fortalecer a linha editorial e produtiva do Valor Investe – devido ao fato, também, dos EUA influenciarem diretamente o Brasil ao longo da história dos dois países.

Sendo o segundo veículo de análise, a Veja é uma tradicional revista brasileira, vinculada à Editora Abril, que possui um portal de notícias on-line de acesso gratuito. O site veicula matérias sobre cultura, política, economia, tecnologia, ciência e muito mais. Após o discurso de Lula, publicou uma matéria intitulada: “O único erro de Lula na China”¹⁰

Figura 5: Revista Veja

Política

O único erro de Lula na China

E diz respeito à moeda americana, que possui mais liquidez no mercado

Por **Matheus Leitão** Atualizado em 14 abr 2023, 19h25 - Publicado em 14 abr 2023, 15h39

Fonte: Captura de tela

O título da publicação (Figura 5) indica o conteúdo ideológico presente: questionar a estrutura global que depende da economia estadunidense foi um *erro*. O uso dessa atribuição, em específico, é importante porque as palavras são atravessadas por “fios ideológicos” que estabelecem as relações sociais em seus domínios (BAHKTIN/VOLOSHINOV, 1999). O subtítulo defende o posicionamento assumido, afirmando que a moeda possui a maior liquidez do mercado - por esse motivo, não deve ser substituída.

Figura 6: Revista Veja

Em viagem oficial para a China, o presidente Lula fez uma grande sinalização em prol da maior economia oriental do mundo, afirmando que se pergunta, todas as noites, por que todos os países são obrigados a fazer o seu comércio lastrado em dólar.

A fala de Lula, que contesta a ordem mundial, vem logo após o anúncio de um acordo firmado entre o Banco Central do Brasil e o Banco Central Chinês para realizarem transações comerciais em moedas locais.

¹⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-unico-erro-de-lula-na-china/>.

Fonte: Captura de tela

Os primeiros parágrafos do texto (Figura 6) situam o leitor no factual, indicando a proximidade política e econômica de Lula com a China. Similar à matéria veiculada ao Valor Investe, há uma indicação do desalinhamento de Lula em relação aos Estados Unidos, mesmo que ambos os países possuam, atualmente, boas relações econômicas e políticas.¹¹

Há um destaque para o acordo entre o Banco Central do Brasil e o Banco Central Chinês - fica subentendido que a intenção ao mencionar o fato seja para enquadrá-lo como outro *erro*, mesmo que alguns economistas defendam que o acordo de transações comerciais foi uma medida positiva, levando em consideração que a China é a principal parceira comercial do Brasil, e, portanto, não faz sentido que as negociações entre os dois países passem pelo dólar, ao invés das moedas locais.

Figura 7: Revista Veja

Realmente existe um movimento entre os países para aumentar o número de moedas que são comercializadas no mercado internacional. Mas essa não deveria ser uma preocupação para o presidente ter frequentemente.

Aí está um erro!

Na verdade, os países não são obrigados a usar o dólar em suas transações comerciais. Isso é feito pois a moeda americana possui mais liquidez no mercado, ou seja, é mais facilmente trocada, além de possuir maior circulação.

Fonte: Captura de tela

Nesse momento da matéria (Figura 7), o autor, Matheus Leitão, afirma que apesar de certo, Lula erra ao considerar que isso seja um problema, de fato, pois a moeda é a mais circulada no mundo. Acontece que isso foi pontuado e problematizado por Lula durante o discurso, que não aparece na matéria em nenhum momento.

Figura 8: Revista Veja

O importante é saber o que de fato será melhor para o Brasil...

Vale ressaltar que a China é a maior parceira econômica do Brasil e que a relação com o país foi muito desgastada nos últimos anos por [Jair Bolsonaro](#), principalmente após a pandemia de [Covid-19](#).

Esse novo grande afago de Lula em prol da economia chinesa veio acompanhado de 15 acordos entre os países e mais 20 acordos entre empresas e entes públicos.

¹¹ Recentemente, os EUA anunciaram investimento de R\$2,5 BI no Fundo Amazônia. Veja em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/noticias/eua-anunciam-doacao-de-r-2-5-bilhoes-para-o-fundo-amazonia>

Fonte: Captura de tela

A publicação é finalizada (Figura 8) com o autor ressaltando que a China é uma grande parceira econômica para o Brasil, com um breve destaque para outros acordos fechados entre os países no começo do ano.

Os elementos ideológicos por trás da matéria tornam-se mais explícitos à medida em que é levado em consideração a total ausência da fala de Lula. Como já foi citado no trabalho, a ideologia recusa qualquer crítica, a fim de evitar sua autodestruição - por esse motivo, a fala de Lula não é citada diretamente no texto, se o leitor estiver ciente da crítica em si, as transações comerciais em dólar deixam de fazer sentido. O texto ensaia uma “imparcialidade” ou dizer: “O importante é saber o que é melhor para o Brasil...”, nota-se que, em momento algum, o autor faz qualquer sugestão que defenda a ideia posta por Lula.

Por último, o presente artigo analisa a matéria veiculada pelo Portal G1, "Na China, Lula defende moeda alternativa ao dólar para comércio entre países do Brics"¹². Publicada no mesmo dia da declaração do presidente durante a posse de Dilma Rousseff no comando do Novo Banco de Desenvolvimento, a matéria, diferentemente das analisadas anteriormente mencionadas (valor investe e veja), não intitula a produção mencionando erros ou acertos, além de não induzir ao leitor o pensamento de que Lula almeja "acabar com o dólar".

Assim como foi pontuado pelo governante durante a fala no país asiático, é defendida uma moeda alternativa que facilite o comércio entre países do Brics, grupo formado, inclusive, por países emergentes - o que expõe que, no pensamento de Lula, uma moeda alternativa nas transações econômicas favorecia o grupo inteiro, e potencializaria a ascensão dos integrantes. Outra característica importante na produção do Portal G1 é a inserção de um tamanho significativo do discurso do atual presidente durante a própria matéria e no *lead* (Foto 9).

Figura 9: Portal G1

¹² Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/04/13/na-china-lula-defende-moeda-alternativa-ao-dolar-para-comercio-entre-os-brics.ghtml>.

Na China, Lula defende moeda alternativa ao dólar para comércio entre países do Brics

'Precisamos ter uma moeda que transforme os países em uma situação um pouco mais tranquila', disse presidente durante posse de Dilma no comando do banco do grupo, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Fonte: Captura de tela

Essa característica confere ao Portal G1 maior credibilidade, tendo em vista que, com a adição de fragmentos além do momento que Lula pontua a necessidade de uma moeda alternativa, outras partes importantes do discurso são apresentadas, bem como a justificativa de uma outra moeda. Grande parte da matéria do G1 é produzida e guiada pela inserção da fala de Lula (Figura 10).

Figura 10: Portal G1

"Porque que um banco como o Brics não pode ter uma moeda que pode financiar a relação comercial entre Brasil e China, entre Brasil e outros países do Brics? É difícil porque tem gente mal-acostumada porque todo mundo depende de uma única moeda. Eu acho que o século 21 pode mexer com a nossa cabeça e pode nos ajudar, quem sabe, a fazer as coisas diferentes", disse Lula durante a cerimônia de posse de Dilma Rousseff (PT) como presidente do Novo Banco do Desenvolvimento (NDB), em Xangai, na quinta-feira, 13 (quarta, 12, no Brasil).

"Quem decidiu que é era o dólar a moeda depois que desapareceu o ouro como paridade? Por que não foi yene? Por que não foi o Real? Por que não foi o peso? Porque as nossas moedas eram fracas, as nossas moedas não têm valor em outros países. Então, se escolheu uma moeda sem levar em conta a necessidade que nós precisamos ter uma moeda que transforme os países em uma situação um pouco mais tranquila."

Fonte: Captura de tela

Além do que fora mencionado, o Portal G1, a partir da inclusão das palavras de Lula, adiciona pontos que justificam o pensamento do presidente. O fragmento "Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brics é composto por algumas das maiores economias do mundo" (PORTAL G1, 2023), inicia uma curta listagem com a posição dos integrantes do Brics em relação a outros países com grandes economias no cenário mundial. A matéria finaliza com um subtópico em que é mencionada a visita de Lula à Huawei, maior empresa chinesa fornecedora de equipamentos para redes e telecomunicações do mundo. Segundo a reportagem, foram discutidas parcerias entre a empresa e o Brasil.

Apesar de, como já pontuado, o jornalismo não ser livre de parcialidade, já que as matérias, reportagens, coberturas são produzidas por pessoas – indivíduos que estão

inseridos em contextos, realidades, categorias sociais próprias, e inseridos, inclusive, em meios midiáticos que possuem os interesses direcionados –, o artigo identifica no Portal G1 marcas não tão visíveis de um discurso que se diz contra ou a favor. Com a contextualizações dos países integrantes do Brics e da inserção de uma fala mais completa do que fora dito por Lula, o Portal G1 consegue repassar uma informação sem necessariamente falar que o presidente discursou contra o dólar, contra os Estados Unidos ou de forma errônea.

Considerações finais

Neste artigo, analisou-se e discutiu-se a temática da imparcialidade jornalística, com o objetivo de identificar as marcas da não neutralidade em três veículos noticiosos – Valor Investe, Veja e G1, respectivamente. A analogia com a política permitiu que essas marcas fossem identificadas de forma mais evidente, sobretudo devido às diferenças entre o campo político e o jornalístico – sendo o primeiro da ordem dos segredos e o último, da ordem da visibilidade. Por meio das teorias da Análise do Discurso e da ADC e da análise de três matérias, constatou-se que os portais analisados, sobretudo o portal Valor Investe e Veja, mantém uma postura de questionamento e descrédito em relação ao atual governo, o que é expresso de maneiras semelhantes entre os sites. No Portal G1, já existe uma tentativa maior de, de fato, explicar o que foi dito pelo presidente e os motivos que o fazem acreditar nos resultados positivos de uma moeda alternativa para o Brics.

Ainda assim, é importante ressaltar que nenhum discurso jornalístico é isento de parcialidade, e os exemplos abordados na pesquisa corroboram com esse fato. Como é explorado amplamente pelos teóricos da Análise do Discurso, cada ação discursiva é passiva de ambiguidade; e a sociedade, os fatos históricos e as construções antropológicas influenciam a construção de cada discurso. Em suma, este artigo buscou ampliar a compreensão sobre a imparcialidade presente no jornalismo, e como a política põe em evidência as opiniões e as ideologias que sustentam os veículos midiáticos de quaisquer posicionamentos políticos vigentes na sociedade.

Referências

ALVES, Ana Roengelssa; BATISTA, Henrique Gomes. **Na China, Lula discursa contra o dólar e manda recados aos EUA.** Valor Investe, 2023. Disponível em <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2023/04/13>. Acesso em 15 de junho de 2023.

ARAÚJO, Luiz Antônio. Jornalismo e Orientalismo: o Islã como “coisa-a-saber”. **Rizoma, Santa Cruz do Sul**, v. 1, n. 2, p. 63, 2013.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, Marilene. **O que é ideologia**. Editora Brasiliense, 2001.

DA SILVA, Jonathan Chasko; DE ARAÚJO, Alcemar Dionet. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero—Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, p. 17-32, 2017.

DE SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. Jornalismo, hegemonia e produção de sentido:: a maquinaria informacional em estudo. **Comunicação & Informação**, v. 24, 2021.

DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, v. 9, 2008.

GUERRA, José Luiz; **Neutralidade e imparcialidade do jornalismo: da teoria do conhecimento à teoria erica**. XXII Intercom, p. 2, 1999.

LEITÃO, M. **O único erro de Lula na China | Matheus Leitão**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-unico-erro-de-lula-na-china/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LIMA, Regina. **Vozes em cena: Análise das estratégias discursivas da mídia sobre os escândalos políticos**. FADESP, Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa, 2010.

NICOCELI, Artur. **Na China, Lula defende moeda alternativa ao dólar para comércio entre países do Brics**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/04/13>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). **Estudos da Língua (gem)**, v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. **Campinas: Pontes**, 1997. Edição original: 1983.

SERRANO, Estrela. A dimensão política do jornalismo. **Comunicação & Cultura**, n. 2, p. 63-81, 2006.

SILVA, GISLENE; PONTES, Felipe Simão. Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia. **Galáxia**, n. 18, p. 44-55, 2009

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Editora Vozes Limitadas, 2015.